

Notícias Românicas (*)

Em *Língua e Literatura*, 3 (pp. 379-382), sob o título “Livros e Revistas Romenos”, dei uma ligeira notícia de como estávamos tentando criar a possibilidade de que alguns dos nossos licenciados, alunos de pós-graduação em Letras, pudessem usar o romeno como língua de apreensão cultural e como ilustração *sui generis* de fatos lingüísticos. O único meio que encontramos foi o de trabalhar seriamente e reclamar trabalho sério, mas com um sorriso. Parece certamente paradoxal querer iniciar um grupo reduzido de estudantes numa língua estrangeira — da mesma família que a portuguesa, mas a mais diferente de todas as línguas românicas — e ao mesmo tempo trabalhar em nível de pós-graduação!

Foi o que tentamos, e nem sempre, mas em boa parte, conseguimos. No estudo técnico da língua, partindo da estaca zero, fazíamos investigações de natureza diacrônica (histórico-comparativas) e, com igual ênfase, outras de natureza contrastiva: romeno e ibero-romance. Estudo conscientemente modesto, mas decididamente sério. Foi graças a isso que tivemos a grata surpresa de receber a visita do Exmo. Sr. Ministro da Romênia, Dr. Ion Moraru, renovada em vários outros momentos na pessoa do seu Adido Cultural, Sr. Gheorghe Burlacu, que souberam compreender a importância cultural daquele esforço e conseguiram que a Biblioteca Central da Universitară comesse a enviar-nos livros: estudos gramaticais, lingüísticos, literários, dicionários, atlas lingüísticos (gerais e regionais da Romênia), métodos de ensino do romeno, edições de autores romenos, etc. Graças ainda a essa iniciativa, foi que me veio em 1974, do Pró-Reitor da Universidade de Bucareste, Prof. Dr. Alexandru Piru, presidente dos cursos de verão, um convite para participar dos *Cursurile de Vară si Colocviile Stiintifice de Limba, Literatura, Istoria si Arta Poporului Român*, que se realizariam de 21 de julho a 16 de agosto daquele ano.

Infelizmente, em 1974 não me foi possível ir. Mas, em 1975, veio novo convite seu e ainda outro assinado pelo Adido Cultural, Sr. Grigore Lapusanu, em nome do Exmo. Sr. Embaixador Nicolae Ghenea, que sucedeu em Brasília ao Embaixador Moraru, para os cursos desse ano, que se realizariam em Brasov nos Carpatos orientais, de 23 de julho a 18 de agosto. Graças ao au-

(*) Por falta de matrizes, a africada (ou dúplice) representada em romeno por *t* com uma vírgula sotoposta equivalente a *ts* é representada por esse dígrafo, a sibilante palatal surda representada por *s* com uma vírgula sotoposta vem como um simples *s*, que é, em romeno, o símbolo para a sibilante surda.

xílio de viagem concedido pela FFLCH e à hospedagem do Governo Romeno, foi-me possível realizar estudos intensivos de língua romena, em Brasov, ouvindo e tentando falar, às vezes escrever, quase que só romeno, recorrendo, de vez em quando, ao francês, de 23 de julho a 13 de agosto, e, depois, de 13 a 18, em Bucareste.

É dessa viagem e desses cursos que eu desejaria dar aqui uma notícia. Mas, para um professor de Filologia Românica, que há 28 anos vinha estudando e ensinando essa disciplina sem sair do Brasil e sem esperança dessa oportunidade, agora que ela se oferecia era justo querer aproveitar a ocasião para conhecer pelo menos as três “Românias”, isto é, as três regiões que conservaram o nome da velha *Romania* e cujas línguas ou dialetos também consagram esse nome: a “România” suíça, onde, em parte, ainda se fala o sobresselvano ou *romanche*, a *Romagna italiana*, onde se fala o *romanholo* (ou *romanhol*) e sobretudo a *Romênia*, a ouvir falar os naturais, professores e gente do povo, de Bucareste, Brasov, e Cluj, e, apenas passando e vendo, a gente de Pitesti e Curtea de Arges, onde vi dois cortejos de casamento no meio rural.

Mas, em matéria de *Romania*, que é um vasto mundo, algo pode ficar inacabado. Em 1872, no tomo I da hoje famosa *Romania*, Gaston Paris iniciou o estudo do termo latino *Romania*, cuja primeira atestação é de 387 A.D. Essa, porém, ele não conhecia então. Escreveu o artigo I, mas o artigo II não apareceu. E a história completa do termo, sobretudo a sua atestação na Patrística grega e latina, ainda está por escrever. Conheço a respeito parte do fichário de D. João Mehlmann, O.S.B., que com paciência “duas vezes” beneditina vem levantando ocorrências de *Romania* em latim, e de *Romanía* em grego. Ele ainda não leu os 390 volumes do Migne todos porque não se des-cuida do CSEL e do CCh de Brouges. Mas tem já um grosso maço de fichas. Que venha logo o artigo.

Uma Tarde na “România” do Romanche

Na ida, fiz uma passagem rápida pelos Grisões: um dia de viagem de trem, de Genebra a Dísentis-Mustér, na Sobresselva, onde fiquei duas horas, e de Dísentis-Mustér a Chur-Cuera (ou Cuira), cidade principal dos Grisões. Ali pude ouvir uns fragmentos de conversa em sobresselvano e, da moça da livraria, que me vendeu vários livros, entre os quais métodos e dicionários de sobresselvano e ladino, ouvir e gravar a leitura duma “estória”, “*Il giavel che scudeva*”, “o diabo que batia trigo”, do livro *Nossas Praulas*, “Nossas Fábulas”, edição da Ligia Romontscha, de 1974, e o cap. 15 do Ev. de S. Lucas, onde estão as parábolas dos três perdidos — da ovelha, da moeda e do filho perdido, ou do Filho Pródigo. A razão desse capítulo é que a Parábola do Filho Pródigo é um texto preferido no exemplário dialetal românico.

A emoção de subir com o trem o curso do Ródano, naquela tarde de sexta-feira, vendo-o estreitar-se cada vez mais até chegar às geleiras, onde um

companheiro de viagem me apontou, ali pertinho, um grotão à esquerda, dizendo “Voilà les sources du Rhône” —, somada à de pensar que minutos depois eu iria apanhar o Reno nas suas origens, segui-lo de trem até Chur, segui-lo por um pouco na manhã do sábado, deixá-lo desviar-se para o Lago de Constança, reencontrá-lo em Basiléia e ali despedir-me dele, sabendo das origens do Danúbio, um pouco ao norte de Basiléia, perto de Freiburg-in-Breisgau, e lembrado de que, um pouco abaixo de Chur, perto de St. Moritz, na Engadina (outro centro de cultura rética onde infelizmente eu não podia passar) nasce o Inn, seu importante afluente, — foi uma grande emoção. Revivi na memória vários passos do *De Bello Gallico* e a famosa expressão geográfica latina: *divortium aquarum*, “divisão das águas” Três grandes rios da história clássica, um que descia para o Mediterrâneo, outro que “subia” para o Mar do Norte, e o outro, que eu ficaria “aguado” por ver, e debalde, que é mais famoso, da Romênia e de toda a Europa, caminhando para o Mar Negro! Não era emoção de turista, que não consigo ser: era clássica e românica, e filológica —, talvez até um pouco romântica!

Maior, porém, foi a emoção lingüística. Todos sabemos que o reflexivo *se*, que já é dos dois números, acusa uma tendência de generalizar-se às três pessoas. Nossa fala popular e o dialeto caipira ilustram bem o seu emprego na 1ª pessoa: *Vô se vesti, nós num se dá* (ou *num se damo*), *nossos óio se gostaro e nós também se gostemo*. Eu já sabia que o sobresselvano, mesmo literário, o estendera a todas as formas. Mas, naturalmente, nunca o tinha ouvido. Na hora em que a moça ia ler para eu gravar, identificou-se, a meu pedido, em romanche e, depois, traduziu o “prefácio” para o francês: “*Je s'appelle C. C. .*” O seu francês era bom, mas naquela hora deu-se o que se chama “línguas em contacto”: o sobresselvano influiu sorrateiramente no francês num ato de fala! E eu pensei: “Vai ser duplo o meu “furo” de reportagem!” Mas a emoção maior viria depois, quando dei por falta do gravador *National Panasonic*, que me “levaram” com a preciosa cassete!

Em Dísentis e, mais tarde, ao findar da sexta-feira, em Chur, na sede da Ligia Romontscha, pude ver e adquirir o inesperado: *Il Prenci Pignet*, “O Pequeno Príncipe”, em romanche (ed. de 1975), o *Vocabulari romontsch sursilvan-tudestg* (“sobresselvano alemão”) de Ramun Vieli e Alexi Decurtins (ed. de 1962 de XXXVIII + 831 pp., e, dos mesmos autores, o *Vocabulari Romontsch (tudestg-sursilvan)* (ed. de 1975), em formato menor, mas com LXXII + 1292 pp., o *Dicziunari rumantsch (ladin-tudais-ch)* (“engadino-alemão”) de Oscar Peer (ed. de 1962) de XVII + 600 pp., e muitos outros livros num e noutro dialeto com um luxuoso catálogo prometendo muita coisa interessante. Quando perguntei à moça da Ligia Romontscha como se poderiam obter gravações, ela informou-me: “Temos dois conjuntos audiovisuais, um com sete cassetes, em engadino, e outro com cinco cassetes, em sobresselvano” Esses também eu pude adquirir.

Portanto, para a “România” valeu a pena.

Quase um mês na Romênia

Na tarde de 22 de julho, segunda-feira, embarquei para Bucareste. Já estava escuro quando passamos sobre a Áustria e era noite avançada quando atravessamos o Danúbio, talvez à altura de Timisoara. Não se via nada. Bucareste não fica a mais de 40 quilômetros do Danúbio, mas não pude vê-lo.

Ficamos o dia 23 hospedados no *Caminul Studenteste* (“Lar dos Estudantes”) da Universidade de Bucareste. No dia 24 fomos de ônibus com vários dos professores para Brasov, que fica na Transilvânia sobre os Carpatos orientais. A estrada é em boa parte cercada de árvores, na planície, em sua primeira metade, e atravessa searas imensas; na segunda parte, vai pela montanha. “Caminhada” linda! Um dos professores do curso, o Prof. Clemente Mîrza, que se sentava perto, ficou muito amigo meu.

Fiquei hospedado no Hotel Postăvarul, ao lado do Edifício de Engenharia, onde funcionavam os “Cursos de Verão”, tomando as refeições com os estudantes e os professores no Caminul Studenteste da Universidade: refeições muito boas e abundantes. Brasov estende-se numa vasta planície, cercada de montanhas, com algumas ruas em vales. A alguns quilômetros, está Poiana Brasov e, pouco além, o teleférico que leva ao monte Postăvarul ou Cristianu Mare, de 1800 metros de altura. Na época há um movimento contínuo de turistas, uns chegando, outros partindo. A cidade é movimentada, mas tranqüila. É ali que ficamos de 24 de julho a 12 de agosto seguindo os cursos de verão, ouvindo conferências científicas e literárias, e participando de sessões artísticas, recepções, realizando visitas a museus e estabelecimentos culturais.

Os cursos, divididos em três níveis — iniciantes, médios e avançados — a cargo de professores de língua romena da Universidade de Bucareste, realizavam-se de segunda a sábado, das 9 às 11 e 45 da manhã nos dias em que havia uma só conferência (das 9 às 10 e 45 nos dias de duas conferências).

As aulas eram ministradas em várias classes de 15 a 20 alunos por uma equipe de 12 professores da Universidade de Bucareste (oito assistentes, três doutores e um professor titular) de faculdades diversas — *Faculdade de Língua e Literatura Romena, de Línguas Românicas, de Línguas e Literaturas Eslavas, de Línguas e Literaturas Germânicas* — sob a direção geral do Prof. Dr. Alexandru Piru, Pro-Reitor da Universidade de Bucareste. Eu fiquei numa classe de nível médio, constituída quase só de estudantes franceses e dirigida pelo Prof. Gheorghe Doca, que está preparando tese sobre metodologia do ensino do romeno a francófonos.

Embora no fim do curso não se tenham realizado provas, os trabalhos foram intensos: havia preparação de exercícios escritos para cada aula, e, em classe, se exigia atenção total de cada estudante. No dia 12 de agosto, em reunião festiva de encerramento, se distribuíram livros de presente a cada participante do curso, tendo ficado a nosso cargo a execução do programa da sessão.

As conferências, quase duas dezenas, pronunciadas em romeno, mas de que se forneciam a cada participante textos impressos em formato de revista, em romeno e em francês, algumas vezes eram lidas, outras vezes resumidas, podendo ser seguidas sempre com razoável compreensão da língua culta falada, porque, não havendo necessidade de se tomarem notas, podia-se concentrar a atenção na língua. Quanto ao assunto, é possível agrupá-las nos itens abaixo:

- | | |
|-------------------------------------------------------|-------------------|
| — de História e Crítica Literária | — 4 conferências; |
| — de Lingüística e Estilística | — 5 conferências; |
| — de Geografia e História | — 4 conferências; |
| — de assuntos políticos, econômicos e administrativos | — 4 conferências; |
| — de etnografia e folclore | — 1 conferência. |
| — sessões de mesa-redonda | — 2 sessões. |

Em sua maioria os conferencistas eram da Universidade de Bucareste, alguns de outras universidades, outros especialistas não pertencentes ao quadro docente.

As duas sessões de mesa-redonda merecem aqui destaque especial. Uma delas foi sobre a *Língua e a Literatura Romena no Mundo*. Depois do Presidente, falaram três professores de romeno: uma polonesa, uma russa, e uma senhora norueguesa, narrando num romeno bastante fluente o que se fazia nos seus países e quais os principais problemas. Achei que devia dizer também alguma coisa, mas pedi licença para falar em francês. Expus o que estávamos tentando em São Paulo e por que ousávamos iniciar os estudos romenos, e isso na pós-graduação, na linha da notícia que dei singelamente em *Língua e Literatura* 3, 1974, pp. 379-382, já citada acima. Essa exposição parece ter sido bem recebida. A outra mesa-redonda foi sobre as dificuldades de ensino do romeno: versaram-se problemas de fonologia e ortografia, morfo-sintaxe, assim como da bibliografia.

As sessões artísticas e sociais, em número de cinco, realizaram-se à noite, espaçadamente: um coquetel, espetáculos de música popular, de música clássica, exibição de um filme sobre Estêvão, o Grande, apresentação de peças de M. Eminescu, e, na manhã do dia 12 de agosto, a sessão de encerramento, com a participação de muitos de nós sob a direção, em parte, da estudante norueguesa.

Os estudantes, professores, pesquisadores, intérpretes, jornalistas, inscritos para os “Cursos de Verão”, atingiam, em números redondos, a cifra de 150, e representavam 25 países — 2 da América, 1 da Ásia e 22 da Europa. Quanto ao sexo, 64 eram homens, e 86, mulheres. Quanto à ocupação, uns 100 eram estudantes, e cerca de 50, das demais categorias acima enumeradas.

Talvez não seja sem interesse levantar a lista completa do número de inscritos por países. Nela se verá que a França ocupa o primeiro lugar (com 40 inscritos), o 2º lugar cabe à Inglaterra (com 13), o 3º à Itália (com 12), o 4º à Polônia com 11) e o 5º à Checoslováquia e aos Estados Unidos (com 10 cada um). Vinham a seguir: Alemanha Oriental com 6, Áustria, Japão e Rússia, com 5 cada um, Bulgária, Portugal e Suíça, com 4 cada, Hungria, Iugoslávia e Alemanha Ocidental, cada uma com 3, Canadá, Finlândia, Holanda, Israel e Suécia, com 2 cada, e, finalmente, o Brasil, a Espanha e a Noruega, com 1 cada.

Cumpre, no entanto, observar que entre inscrição e comparecimento houve uma quebra de talvez não mais que 10%, de modo que o número de presentes aos cursos se aproximava de 130. O único da América do Sul era eu, “representante” do Brasil, o que me dava uma condição toda especial: o Brasil era por todos sentido como o país mais distante. Por isso mesmo, no Hotel me chamavam: “o *Brazilia*” *Brazilia*, com z, é o nome do nosso país; *Brasília*, com s (sibilante surda), é o da nossa Capital. Na rua, se eu falava com alguém e, ante a dificuldade de expressão, me revelava *brazilian*, o homem do povo romeno, amigo e acolhedor, esboçava um sorriso e exclamava: *O Brazilia, foarte departe!*, “Oh! o Brasil, muito distante!”

Viagem a Cluj

Como tinha livres os domingos, passei o primeiro deles em Brasov, em repouso, e no último fui a Poiana Brasov e ao teleférico de Cristianu Mare, passando, na volta, pelo Museu de História. No segundo, 4 de agosto, fui de trem a Cluj visitar o meu amigo de correspondência, Prof. Adrian Marino, um dos colaboradores e entusiastas dos *Cahiers roumains d'études littéraires*, e de *Synthesis*, que se dedica a Literatura Comparada e começou a sair em 1974. Noto, de passagem, que, nos *Cahiers*, 1975, nº 3, pp. 156-157, M. Papahagi dá de *Língua e Literatura*, 1 e 2, atenciosa notícia sob o título *Erudition brésilienne: “Lingua e Literatura”*. Acha-a de bom nível, mas estranha a variedade muito grande dos assuntos em cada número. Tem razão, se pensa em revistas especializadas; mas a nossa foi criada para dar vazão a colaborações de professores dos três Departamentos de Letras, que reúnem 12 Línguas e Literaturas, e mais Lingüística e Teoria Literária. Mas é muito carinhosa a sua nota, que agradecemos.

De Brasov a Cluj, pelo rápido, são cerca de 5 horas. Minha viagem sofreu um atraso de quase 5 horas, porque naquele dia o Presidente Ford

visitava a Romênia e desorganizou o horário do rápido, que vinha da Bulgária. Desde as 7 horas da manhã, na estação de Brasov, o atraso foi sendo comunicado “a prestações” — de meia em meia hora, enquanto trens menos rápidos passavam sucessivamente —, e só ali pelas 11 horas é que se ficou sabendo a sua causa real. Mas para alguma coisa ele serviu, porque ali, enquanto esperava, pude conversar com homens do povo, aprendendo o uso da língua viva.

Adrian Marino e sua esposa, Da. Ligia Marino, me acolheram amavelmente na tarde daquele dia no seu lar hospitaleiro. A hospitalidade romena se parece com a tradicional hospitalidade brasileira. Ali pelas 2 horas da manhã de segunda-feira, chegava eu a Brasov para iniciar a nova semana de aulas às 9 horas.

Últimos dias em Bucareste

No dia 12 encerraram-se os cursos. Alguns pacotes de livros que comprei em Brasov foram despachados pelo correio e chegaram bem a São Paulo. Outros despachados em Bucareste chegaram em parte; alguns se perderam, infelizmente, entre eles os que traziam belos livros sobre o país e um lindo Atlas Geográfico Universal.

No dia 13 fui de trem para Bucareste, onde fui hospedado pela Asociația România, no excelente Hotel Modern, bem no centro da cidade, muito bem instalado num edifício novo. O mais famoso de Bucareste é o Hotel Intercontinental, a três quarteirões do Hotel Modern.

Bucareste é uma bela cidade, bem arborizada, com extensos parques e amplas avenidas. Sua população, pelo recenseamento de 1971, elevava-se a 1.600.000. Sempre pelo mesmo censo, a segunda cidade da Romênia é Ploiesti, com 221.100, e em terceiro lugar vêm Timisoara, no ocidente, com 209.500 seguida de perto por Iasi, a quarta no nordeste, com 209.400. Seguem-se Craiova e Cluj, ainda com mais de 200.000, cada uma, e, depois, Brasov e Galatsi, com mais de 180.000, Constança, Braila e Arad, com mais de 150.000, Oradea e Sibiu, com mais de 140.000. Mas as cidades mais importantes como centros universitários são, depois de Bucareste, Cluj, Iasi, Timisoara e Brasov.

A Asociația România tem sua sede no Bulevard Dacia, 39. É um ó gão creio que do Ministério das Relações Exteriores, que mantém contactos com visitantes estrangeiros, os hospeda, e com os romenos do estrangeiro. O Sr. Cretu M. Milon, seu Presidente, antes do início dos cursos, convidou-me a passar em Bucareste aqueles dias, de 13 a 18 de agosto, como hóspede daquela

associação, para um programa de conhecimento da Capital, de visita a museus, mosteiros e entidades culturais e, a meu pedido, a lingüistas da Universidade — como os Acadêmicos Iorgu Iordan, Alexandru Graur, Alexandru Roseti e o Prof. Dr. Constant Maneca.

O seu Secretário, Prof. Dr. Virgiliu Cîndea, e o Sr. Ioan Iusco, seu auxiliar, me puseram em contacto com essas personalidades, de modo que fui recebido muito cordialmente pelo Acad. Iorgu Iordan em sua residência e pelo Acad. Alexandru Graur na Academia. São dois respeitáveis lingüistas, simples e afáveis, de idade provecta, mas ainda em pleno vigor intelectual.

O Acad. Iorgu Iordan ofereceu-me um opúsculo de seus “Títulos e obras”, publicado em 1973, com um breve prefácio em que dá sigelamente os motivos por que o publica. É impressionante a sua atividade: Licenciado em Filologia Moderna em 1911, em Direito em 1912, Doutor em Filologia Moderna em 1919, sempre pela Universidade de Iasi, Doutor *honoris causa* por quatro universidades, membro de 16 instituições científicas, entre grandes obras e artigos — alguns repetidos — realizou, de 1911 a 1973, 869 publicações sobre Lingüística e Filologia (532), História e Crítica Literária (56), Cultura (81), Cursos Universitários (39), Ensino (58), Política (68), Manuais Escolares (6), Diversos (29). É uma bela pessoa e uma bela atividade!

O Acad. Alexandru Graur foi igualmente muito cordial na Academia, onde palestramos demoradamente sobre os estudos lingüísticos. Tenho podido ver a grande influência que ele igualmente exerce sobre a cultura lingüística romena, mas faltou-me uma informação organizada da sua obra como a que recebi do Acad. Iorgu Iordan. O que caracteriza a ambos é a seriedade, profundidade e a simplicidade.

Vi de passagem num restaurante, sem ter mesmo podido conhecê-lo pessoalmente, o Acad. Alexandru Roseti.

O Prof. Dr. Constant Maneca, do Instituto de Lingüística, era uma pessoa que eu desejava conhecer pessoalmente. Já o conhecia por um artigo sobre o problema da posição de *dies* nos nomes dos dias da semana. O Prof. Dr. Virgiliu Cîndea, Secretário da Asociația Româna, me pôs também em contacto com ele. Ele veio ver-me no hotel e foi o meu gentil e solícito cicerone para boa parte do programa naqueles cinco dias que passei em Bucareste, levando-me ao *Museul Satului* (Museu da Aldeia) em Bucareste e ao mosteiro de Curtea de Arges, a cerca de 180 km dali, e orientando a minha visita ao Museu de História. Ofereceu-me 20 separatas de trabalhos seus de Lingüística Românica (11) e de Estatística Lingüística (9) publicados na *Revue Roumaine de Linguistique*, em *Limba Română*, em *Studii si Cercetări Lingvistice*, em *Omagiul lui Iorgu Iordan cu prilegiul implinirii a 70 de ani*, ou apresentados em congressos internacionais. É um admirável investigador,

sério, simples, e muito amigo. Acompanhou-me até os momentos de despedida no Aeroporto Otopeni.

Além desses, que são especialmente, lingüistas, tive a oportunidade de estabelecer contacto com o Prof. Dr. Romu's Vulcanescu, ilustre antropólogo e etnógrafo, que nos falou sobre os adornos populares romenos. É um cientista de grande calor humano. A caminho da residência do Acad. Iorgu Jordan, aproveitei a ocasião para uma rápida visita à Embaixada do Brasil em Bucareste, à Strada Praha, 11, onde fui cordialmente recebido pelo Sr. Embaixador Paulo Pinto da Silva e pelo Conselheiro da Embaixada Sr. C. N. de Oliveira Pares.

O Museu da Aldeia é realização de um sociólogo romeno de entre as duas Guerras, que reuniu num parque de Bucareste 64 casas típicas das várias regiões rurais, com objetos de uso familiar. Cuidadosamente montadas, e conservadas, quase todas totalmente de madeira, inclusive o teto, sem nenhuma tinta que proteja a madeira, são ali uma amostra da vida rural romena de 1920 a 1930.

O Museu de História é um edifício enorme onde se podem ver peças paleontológicas e sobretudo arqueológicas que remontam a vários séculos A.C., moedas cunhadas nos sécs. III e II A.C. e uma riqueza extraordinária de objetos e documentos. Pude percorrer no subsolo as vitrinas do Tesouro, e sobretudo, as várias dezenas — talvez uma centena — de cópias em gesso em tamanho natural das cenas da Coluna Trajana de Roma, à distância de quarenta ou cinquenta centímetros, consultando os textos-legendas em pequenos cartões em romeno. A única inscrição da Coluna Trajana é a do pedestal, em latim (copiada, com tradução romena ao lado). As cenas se desenvolvem em faixa contínua em disposição helicoidal, de cerca de 1,50m. de largura por 3,0 m. de comprimento. A cópia de gesso, muito nítida, deixa bem distinguir os dácios dos romanos: expõem atividades estratégicas, lutas, episódios, em que os romanos do início do séc. II A.D. (a Coluna é do ano de 113) mostram a resistência heróica dos dácios aos conquistadores romanos. Na verdade, é uma exaltação da conquista insistindo no valor dos adversários, o que é muito caro aos romenos, que se orgulham de ser um povo romano, mas também de serem herdeiros dos dácios. Sem dúvida, ver a cópia de perto no Museu de História de Bucareste é ver mais e melhor do que ver em Roma o original com cenas a 40 metros de distância, em cima. Foi uma excelente experiência.

O Prof. Dr. Virgiliu Cindea, que é um grande especialista em História Antiga, pôs-me em contacto com os diretores da Biblioteca Centrală Universitară, Srs. Ioica, Dumitru C. Nicolescu e com a senhora que se encarrega do envio de livros como doações à nossa biblioteca. Assim, não só pude visitar aquela Biblioteca que supre as bibliotecas especiais da Universidade, mas

tentar resolver o problema da aquisição de livros (dicionários, métodos e estudos lingüísticos) pelos nossos estudantes. Infelizmente, porém, depois do meu retorno, alteraram-se entre nós os dispositivos sobre encomenda de livros estrangeiros, de modo que ainda não nos foi possível fazer envio de bônus da UNESCO para encomendas de livros.

No dia 18 despedi-me do Prof. Constant Maneca e voltei para Genebra. A terceira “România” — a *Romagna* — ficou fora do itinerário. De Genebra vim a Paris no dia 22, onde a Prof^a Maria Sabina Kundman me esperava e foi-me uma excelente e dedicada ajuda no conhecimento da cidade e na resolução de alguns importantes problemas de aquisição de livros, e, até, no encontro feliz com o nosso querido Prof. Aubert e senhora. Mas era a época de férias e Paris estava deserta de professores e estudantes. Mesmo algumas importantes editoras estavam fechadas até meados de setembro! O tempo era escasso: eu não podia ir ao sul, rever o Prof. Audubert nem o saudoso Prof. Pierre Hourcade, que, aliás, estava em Portugal, como depois fiquei sabendo. Assim, no dia 25 chegava de volta, cansado, mas sentindo a importância que tem para um “aprendiz de romanística” o contacto com os “centros produtores” da Filologia Românica.

Conclusão

Como bagagem preciosa trazia livros, discos das lições do *Cours de langue romaine*, de Boris Cazacu e outros, e um pouco mais de confiança — ou menos de desconfiança — no meu romeno para prosseguir no ensino e aprendizado dessa bela língua irmã. Meus cursos melhoraram um pouquinho e, neste ano, já com o nome de Lingüística Românica III e IV, estamos dando na graduação a 9 alunos um curso optativo sobre România Oriental, de três aulas semanais, sendo duas de prática da língua romena pelo *Cours de limba română*, de Oltea Delarascu (para espanhóis), Bucareste, Editura didactică și pedagogică, 1972, vol. I, 200 pp. e vol. II (de Ion Popescu), 1973, 440 pp.

O rendimento da turma de pós-graduação de 1975, em que se adotou esse método, foi sensivelmente superior aos precedentes. Os dois alunos daquele ano, Wilson Galhego e Carlos Alberto da Fonseca, continuam, sem nenhuma ajuda financeira, levantando fichas para um dicionário romeno-português, e já estão na letra E. O Carlos Alberto este ano traduziu muito bem, sem nenhuma ajuda, para um estudante de pós-graduação de outra universidade, o longo Cap. III “Métode matematiche în studiul teatrului” (69 págs.) (do livro de Solomon Marcus, *Poetica Matematică*, pp. 257-326)

Da Embaixada da Romênia em Brasília, o III Secretário e Adido Cultural, Sr. Marcel Stoica, me enviou 14 exemplares do *Cours de Limba Română*, dos quais

só estamos usando 8 com os nossos nove alunos do curso de graduação por serem os únicos para hispanofones. Estamos usando três para anglofones no curso de pós-graduação com três estudantes muito interessadas e de excelente rendimento. A impossibilidade de se usarem os métodos para anglofones, francofones e hispanofones na mesma classe está em que o conteúdo das lições não é o mesmo. Mas esperamos que o número de exemplares em cada língua aumente para podermos oferecer mais vagas no próximo ano.

Creio, pois, que como resultado desse curso intensivo em Brasov se vão consolidando os nossos cursos de língua romena. É por isso que se ocupa todo este espaço com esta notícia. Antes de encerrar estas notas, quero acrescentar uma notícia bastante auspiciosa de que tive conhecimento no início do segundo semest e deste ano. O Adido Cultural da Embaixada da República Socialista da Romênia, Sr. Marcel Stoica, em carta que me escreveu a 10 de julho deste ano, mas que só recebi no dia 2 de agosto, comunicou-me que o Governo do seu País concederia, para o ano letivo de 1976-1977, três bolsas de estudos superiores na área das ciências humanas (especialmente Filologia, História e Geografia) a estudantes brasileiros que tenham já terminado o curso colegial e solicitou-me a recomendação de dois estudantes de São Paulo. Infelizmente, já o prazo de apresentação dos candidatos (31 de julho) estava esgotado quando recebi a carta. Mas a notícia é muito auspiciosa e interessará sobretudo aos nossos estudantes de Filologia Românica que fazem Linguística Românica III e IV bem como aos dos Cursos de Pós-Graduação.

Para finalizar, quero externar os meus agradecimentos ao Sr. Diretor da nossa Faculdade, ao Sr. Embaixador da Romênia e ao Sr. Marcel Stoica pelas facilidades com a viagem e com os nossos cursos de romeno, assim como à Universidade de Bucareste.

ISAAC N. SALUM